

Devoção e traição, casamento e divórcio: Como a evolução modelou o amor humano.

(Revista TIME, 15 agosto de 1994)

Robert Wright (autor de "O Animal Moral")

A linguagem da zoologia costumava ser tão reasseguradora!!! Os humanos eram considerados como uma espécie que possuía um "vínculo afetivo entre o casal". A monogamia duradoura aparentemente seria tão natural para nós quanto para os gansos, cisnes, ou outras criaturas emplumadas que recheiam nosso lexicon com expressões como "aves do amor". Os valores familiares, diziam os especialistas, estavam nos nossos genes. No best-seller de 1967, "O macaco nu", o zoólogo *Desmond Morris* escreveu, com autoridade, que o propósito evolutivo da sexualidade humana é de "fortalecer o vínculo entre o casal e manter a unidade familiar".

Ultimamente essa imagem tem adquirido algumas máculas. Para começar, os pássaros não são mais aqueles modelo otimistas. Através do seqüenciamento do DNA os ornitólogos já podem verificar se o companheiro da fêmea é realmente o pai dos filhotes. Acontece que fêmeas do gênero *Parus* (tentilhões) se envolvem em atividades extraconjugais com machos de posição social mais elevada do que a dos seus companheiros. Para as andorinhas, são os machos de rabo longo que se tornam irresistíveis. Outra espécie de pássaro de aspecto inocente, o "indigo bunting" (azulão europeu), exibe uma razão de traição de 40%. E assim por diante... A idéia de que a maioria das espécies de pássaros é verdadeiramente monogâmica surgiu do conhecimento popular temperado com um pouco de mito. Como resultado disso, a fidelidade de outras espécies cujos casais formam vínculo tem sido questionado.

Isso nos traz a outro problema, a idéia de que os humanos são naturalmente monogâmicos. Claro, não é necessário que se tenha um Ph.D. para ver que a fidelidade do tipo "até que morte nos separe" não surge nos humanos com a mesma naturalidade do que, por exemplo, comer. Uma área emergente, a **PSICOLOGIA EVOLUTIVA**, nos mostra outros pontos a esse respeito. Estudando como o processo de seleção natural modelou a mente, os psicólogos evolutivos estão desenhando um novo retrato da natureza humana, com detalhes recentes sobre sentimentos e pensamentos que nos levam ao casamento, ou nos tiram dele.

A boa notícia é que os humanos são feitos para se apaixonarem. A má notícia é que não são feitos para continuarem apaixonados. De acordo com a psicologia evolutiva é "natural" que homens e mulheres, às vezes, em algumas condições, cometam adultério ou traiam seus parceiros; que de repente achem o parceiro pouco atraente, irritante ou pouco razoável. (pode até ser natural se tornar irritante ou pouco razoável, acelerando assim a saída do parceiro traído). De modo semelhante seria natural achar um colega atraente superior em tudo, quando comparado ao coitado do parceiro horroroso

com o qual você se envolveu. Quando vemos um casal comemorando bodas de ouro uma reação normal é a de produzir comentários maldosos, como o do cachorro que andou em uma pata: a dúvida não é se ele fez, mas se ele fez bem feito.

Isso tudo pode parecer motivo de decepção ou de rejeição de uma convivência familiar. Mas, o que é natural não é necessariamente imutável. Psicólogos evolutivos, divergindo do ponto de vista da natureza humana centrada nos genes, iluminam a tremenda flexibilidade da mente humana e a capacidade do ambiente modificar o comportamento. Particularmente, a psicologia evolutiva mostra como o ambiente social atual é inóspito à monogamia. Enquanto a ciência não mostra curas simples, ela sugere meios de modificação.

A premissa da psicologia evolutiva é simples. A mente humana, como qualquer órgão, foi desenhada com o propósito de transmitir genes para gerações subseqüentes. Os sentimentos e pensamentos que a mente produz são compreendidos melhor nesses termos. Então, a sensação de fome, assim como o estômago, existe porque permitiram que nossos ancestrais sobrevivessem o tempo suficiente para reproduzirem e criarem seus filhos. Sentimentos de desejo sexual, assim como os órgãos sexuais, existem porque diretamente auxiliam na reprodução. Qualquer ancestral que não tivesse estômago, fome, desejo sexual ou genitais, não seria ancestral. Seria? Seus traços pessoais seriam descartados pela seleção natural.

Essa lógica ultrapassa esses sentimentos tão obviamente Darwinianos como fome e desejo erótico. De acordo com os psicólogos evolutivos nossas atitudes para com o parceiro ou parceiro em potencial, estão em constante modificação - confiança, suspeita, calor, frieza - são obra da seleção natural, que permanecem conosco porque, no passado, levaram a comportamentos que ajudaram na disseminação de genes.

Como os psicólogos evolutivos tem certeza disso? Em parte sua certeza reside no imenso banco de dados da biologia evolutiva. Em diversas espécies e em órgãos que vão de cérebros a bexigas, é evidente a sutil atenção da natureza para a transmissão genética. Consideremos a formação dos testículos dos primatas ou a falta deles, no caso das fêmeas, especificamente especializados para a monogamia. Se pegarmos uma série de grandes macacos (gorilas, orangotangos, chimpanzés etc.) machos e pesarmos seus testículos (não recomendamos que tentem isso), um padrão será encontrado. Chimpanzés e outras espécies com alto "peso relativo dos testículos" (relativo ao peso corporal) são espécies onde as fêmeas são promíscuas. Espécies com baixo peso relativo dos testículos (gibões, por exemplo) são monógamas ou sistematicamente poligínicas (gorilas, por exemplo), onde um macho

monopoliza um harém de fêmeas. A explicação é simples, quando fêmeas se acasalam com vários machos, os genes dos machos levam vantagem se for produzido muito sêmen para seu transporte. O sucesso do macho em colocar seus genes em um óvulo depende da quantidade de esperma porque os espermatozoides de diferentes machos estarão competindo entre si pelo óvulo.

O problema das mulheres.

Padrões como estes, além de mostrarem o brilhantismo da natureza, permitem um trabalho de investigação. Se os testículos evoluíram de acordo com o comportamento das fêmeas, então esses são indicadores do seu comportamento natural. Através dos testículos dos homens podemos dar uma olhadela na pré-história humana para ver como as mulheres se comportavam nos primórdios evolutivos do ambiente social, eliminando a influência da cultura moderna. Teremos uma imagem da mente feminina primitiva.

O peso testicular relativo humano recai entre o dos chimpanzés e o dos gorilas. Isso sugere que as mulheres, mesmo não sendo tão selvagens como as fêmeas de chimpanzés (que podem ser verdadeiras máquinas sexuais), são por natureza aventureiras. Se não, por que a seleção natural concederia recursos preciosos na construção e manutenção de testículos tão pesados?

Existe mais evidência da natureza infiel da mulher. Pode-se pensar que o número de espermatozoides na ejaculação do marido dependeria do tempo transcorrido desde a última relação sexual. Errado, o que mais importa, de acordo com estudos recentes, é o tempo desde que o marido não é visto. Um homem que não tem uma relação a, digamos, uma semana, terá uma contagem de espermatozoides mais alta se sua mulher tem estado viajando do que se ela estivesse em casa doente. Em suma, o que realmente importa é se a mulher tem tido ou não a oportunidade de dar umas "escapadas". Quanto mais chances tiver tido, mais "tropas" (espermatozoides) o marido enviará. Novamente, a seleção natural desenhou uma arma tão elaborada para combater algo - a infidelidade feminina.

Então, aqui está o problema n° 1 da tese do vínculo do casal: as mulheres não são naturalmente estandartes da fidelidade. Sexualidade transeunte é parte inata de sua mente, pronta para emergir nas circunstâncias apropriadas. Problema n° 2: Se você já está convencido de que as mulheres são terríveis, espere para ver os homens!

O problema dos homens.

Para os homens os indicadores fisiológicos também ajudam no descobrimento de sua mente. Vamos considerar o dimorfismo sexual, a diferença média do tamanho corporal entre machos e fêmeas. O dimorfismo sexual extremo é típico de espécies poligínicas, onde um macho pode engravidar várias fêmeas, deixando outros machos sem paternidade. Como os machos vencedores normalmente tentam assegurar seus troféus através de lutas ou intimidação de outros machos, os genes dos

machos agressivos são transmitidos enquanto os genes dos machos mais pacíficos se incorporam ao solo (viram poeira ou comida de minhocas). Então, gorilas machos, que tem o privilégio de possuírem um harém inteiro de fêmeas se ganharem bastantes lutas, mas nenhuma se perderem, são duas vezes maiores do que as fêmeas. Nos humanos, os machos são mais ou menos 15% maiores do que as fêmeas, o que sugere que a fuga da monogamia, como a das fêmeas, não é uma invenção cultural recente.

A antropologia nos fornece ainda mais evidências disso. Cerca de 1000 das 1154 sociedades humanas estudadas até hoje - isso inclui a maioria das sociedades primitivas - permitem que os homens possuam mais de uma mulher. Isso é o mais próximo que podemos chegar do "ambiente ancestral", o contexto social da evolução humana, a condição para a qual a mente foi projetada. Presume-se que pessoas criadas nessas sociedades se comportam mais "naturalmente". Pelo menos mais do que as pessoas criadas em condições mais afastadas da condição ancestral, com TV, carros e penas de cadeia por bigamia.

Existem muito poucos exemplos de poligamia feminina ou poliandria - mulheres monopolizando o acesso sexual a mais de um homem ao mesmo tempo. Então, enquanto ambos os sexos tendem à infidelidade, de acordo com as circunstâncias, machos parecem mais inclinados a buscarem uma segunda ou terceira fêmea. Esses também são mais inclinados às "aventuras" casuais. Homens são menos seletivos quanto a seus parceiros sexuais. A prostituição - o sexo com alguém desconhecido - é uma atividade procurada principalmente por homens do mundo todo. Além disso, quase toda a pornografia é consumida por homens.

Muitos estudos confirmam a natureza mais seletiva das mulheres em termos de parceiros. Um psicólogo evolutivo entrevistou homens e mulheres sobre o nível mínimo de inteligência que exigem do parceiro em potencial para que uma paquera ocorra. Ambos responderam: inteligência média. E para ter relações? Os homens responderam: muito abaixo da média. As mulheres: muito acima da média.

Não existe desacordo entre os psicólogos evolutivos de que os machos tem uma mente mais "aberta" do que as fêmeas. Uma mulher, desconsiderando o número de parceiros sexuais que tenha, só poderá ter um filho por ano. Para o homem, cada nova parceira oferece mais uma chance de colocar seus genes no futuro. De acordo com o livro Guinness, o homem mais prolífico da história foi Moulay (o sanguinário) Ismail, o imperador do Marrocos, que morreu em 1727 e gerou mais de 1000 filhos.

A lógica por traz do interesse sexual masculino menos seletivo parece óbvio, mas nem sempre o foi. Darwin notou, espécie após espécie, que as fêmeas eram menos "desejosas" do que os machos, mas nunca descobriu por que. Somente no final dos anos 60 e 70 foi que os biólogos George Williams e Robert Trivers atribuíram a libido desvairada dos homens ao seu infinito potencial reprodutivo.

Por que as mulheres traem?

A capacidade promíscua das fêmeas se mantém um mistério. Para as mulheres mais sexo não significa mais filhos. Elas deveriam então concentrar na qualidade ao invés da quantidade. Deveriam então procurar um homem mais robusto e esperto que fizesse uma contribuição dessas características para a prole. Existem amplas evidências de que as mulheres de fato são atraídas por essas características. Mas, na nossa espécie, os machos não tem só seus genes para oferecer. Diferente do nossos parentes primatas mais próximos, somos uma espécie com alto envolvimento parental por machos. Em quase todas as sociedades primitivas o casamento é a regra, mesmo não sendo necessariamente monogamia. Através dessa instituição os machos ajudam no cuidado aos filhos.

Na nossa espécie o legado genético da fêmea é ampliado por um macho com: bons genes e amplo investimento parental. Mas, e se ela não encontrar um macho com ambas coisas? Uma estratégia seria de "enganar" o parceiro dedicado, generoso e talvez rico na criação dos filhos de outro macho. A mulher não precisa necessariamente estar consciente desta estratégia. Um estudo descobriu que mulheres que traem tendem a fazê-lo por volta do período ovulatório, quando a gravidez é mais provável.

De qualquer maneira, a traição no período não ovulatório do ciclo também tem a sua lógica. Seria uma forma (inconsciente) de "usar" seu amante, colhendo benefícios ou serviços em troca de sua conquista infrutífera. Claro, as flores que ele compra podem não ajudar os genes da fêmea. Mas, no ambiente ancestral, presentes menos frívolos, como comida, talvez o fizessem. Nisa, uma mulher !Kung San, disse ao antropólogo que "quando se tem amantes, um traz uma coisa e outro traz outra. Um vem com carne, outro com dinheiro, outro com pedras. O marido também faz coisas para a gente".

Amantes múltiplos também tem outra vantagem. A antropóloga Sarah Blaffer Hrdy teorizou que as mulheres copulam com vários homens para deixá-los com a impressão de que podem ser pais do filho. Então, presumivelmente, eles tratarão esse filho mais carinhosamente. Sua teoria foi inspirada nos macacos langur. Langures machos freqüentemente matam filhotes gerados por outros machos, para se acasalarem com a ex-mãe. Assim a fêmea voltará a ciclar e poderá concentrar suas energias no novo filhote.

Antes de condenarmos os langures por infanticídio devemos notar que o fenômeno é aceito em várias sociedades humanas. Entre os Yanomani e os Tikopia das ilhas Salomão, é sabido que os homens ao se casarem exigem que as mulheres matem seus filhos anteriores. Homens Ache freqüentemente matam crianças sem pai. Para uma mulher no ambiente ancestral o benefício de possuir múltiplos parceiros seria então de ter seu filho salvo. Ressalta-se que essa lógica não depende da compreensão consciente. Langures macho presumivelmente não possuem o conceito de paternidade. Ainda assim, genes que tornam os machos sensíveis aos indicadores de paternidade sobrevivem.

Um gene que diz "Seja bom para a criança se você teve muito sexo com a mãe", leva a uma vantagem reprodutiva a longo prazo.

A invenção e a corrupção do amor.

Genes não falam, é claro. Eles afetam o comportamento pela criação de sentimentos e pensamentos, construindo e mantendo o cérebro. Quando os psicólogos evolutivos falam sobre tendências comportamentais evolutivas também estão falando a respeito da infraestrutura mental subjacente.

O advento do investimento paternal, por exemplo, exigiu o surgimento de uma emoção: o amor paterno. Em algum ponto do passado, genes que predisuseram os homens a amarem seus filhos começaram a surgir, eliminando os genes da insensibilidade. Presumivelmente isso ocorreu porque mudanças circunstanciais aumentaram a probabilidade da morte de filhos de pais não devotados (um aumento de predadores, por exemplo). O primeiro passo no sentido de se tornar pais devotados consiste do desenvolvimento de uma atração mútua entre o homem e a mulher. O benefício genético de se possuir dois pais que se devotam ao filho parece ser uma razão central pela a qual homens e mulheres se apaixonam.

Até recentemente, esta afirmativa era uma heresia. "Amor romântico" era considerado uma invenção da cultura ocidental. Os Mangaian da Polinésia, por exemplo, se mostraram surpresos com referências à existência de afeto marital. Recentemente, no entanto, os antropólogos tem dado uma segunda olhada nas culturas aparentemente sem amor, incluindo a dos Mangaian, descobrindo o que os não-antropólogos já sabiam: o amor entre o homem e a mulher é universal.

Nesse sentido o vínculo afetivo entre o par existe. No entanto, esse termo - e o termo "amor" - traduz uma noção de permanência e simetria que engana. A evolução não só inventou o amor romântico como o corrompeu desde o início. A corrupção se mostra nos conflitos de interesse inerentes no investimento parental dos machos. O objetivo do macho maximizar o cuidado parental é que às vezes leva a fêmea a infidelidade. No entanto, é a preciosidade desse investimento que torna sua infidelidade letal aos interesses de seu parceiro. Enquanto isso, o investimento parental dos machos também torna a natureza poligínica do homem inimiga dos interesses reprodutivos da mulher. Sua procura por uma nova mulher poderia levá-lo a cessar ou a diminuir o investimento nos filhos de sua primeira mulher. A relocação de recursos poderá auxiliar os genes do macho mas não os da fêmea.

O legado vivo desses conflitos genéticos de interesse é o ciúme, ou ciúmes. Na verdade deveriam haver dois tipos de ciúme, um para machos e outro para fêmeas. O ciúme do homem deveria focar a infidelidade feminina, desde que a traição é a sua maior ameaça. A mulher, embora não aplauda a infidelidade masculina, estaria mais preocupada com a infidelidade emocional - o cometimento magnético a outra mulher que resultaria em um deslocamento maior de recursos.

David Buss, um psicólogo evolutivo da Universidade de Michigan, tem confirmado essas previsões. Ele colocou eletrodos em homens e mulheres e pediu que imaginassem seus parceiros fazendo uma série de coisas sacanas. Quando os homens imaginavam a infidelidade sexual o ritmo de batimentos cardíacos subia dramaticamente atingindo níveis semelhantes aos observados quando se toma muito café ou se chega atrasado na aula. Suavam muito e enrugavam a testa. Quando imaginavam um relacionamento emocional, relaxavam, mas não ao nível normal. Para as mulheres o inverso aconteceu, a idéia de infidelidade emocional era mais perturbadora.

O fato do ciúme ser sincronizado com os tipos de traição é evidência de que possuem uma longa história evolutiva. Mesmo assim, o ambiente moderno tem dado novas dimensões a esses sentimentos, tornando o casamento mais complicado do que nunca. Homens e mulheres, de um certo modo, foram desenhados para tornar a vida uns dos outros miserável.

Obstáculos modernos à monogamia.

Para começar, a infidelidade é mais fácil em uma cidade onde se pode permanecer anônimo do que em uma tribo primitiva. Enquanto estudos de paternidade mostram que 2% das crianças em uma vila !Kung são resultado de infidelidade, esse percentual sobe para 20% em cidades modernas (qual seria esse percentual em Goiânia?).

A tecnologia contraceptiva também pode complicar o casamento. Durante a evolução humana não haviam camisinhas ou pílulas anticoncepcionais. Se um casal adulto dormia junto por um ano ou dois e não tinha filhos havia uma grande chance de um deles ser estéril. Não haveria como saber qual dos dois. Mas, do ponto de vista dos genes não haveria mal nenhum em terminar o relacionamento e cada um buscar um novo par. Especula-se que a seleção natural favoreceu genes que predispunham os homens a traírem as mulheres depois de longos períodos de sexo sem filhos. De fato, casamentos sem filhos são mais predispostos a terminarem.

Outro possível desafio para a monogamia no mundo moderno é o cinema, murais "outdoors" e revistas. Não havia fotografia no antigo mundo que modelou a mente masculina. Então, em algum nível profundo, a mente talvez responda a imagens estimulantes de modelos como se fossem parceiras em potencial - alternativas atraentes para uma devoção monogâmica entediante. O psicólogo evolutivo Douglas Kenrick tem sugerido isso. De acordo com suas pesquisas, após verem fotografias de modelos da revista Playboy os homens relatam sentir menos amor para com suas esposas. As mulheres não mostraram tal mudança.

Talvez o maior obstáculo para uma monogamia duradoura seja a disparidade econômica. Para que isso fique claro temos que considerar um argumento sutil feito por Donald Symons, autor do clássico *A evolução da sexualidade humana*. Enquanto os homens que deixam suas esposas podem estar agindo por impulsos naturais, isso não quer dizer que eles

possuem impulsos especificamente desenhados para deixar suas mulheres. Num ambiente ancestral a obtenção de uma segunda esposa não significava o abandono da primeira. Então, porque deixá-la? Porque não ficar com as duas e continuar dando apoio aos filhos? Symons acredita que os homens são menos preparados para deserção do que para a poliginia oportunística. Quando a poliginia é ilegal, o impulso poligínico tem que encontrar outra saída, o divórcio.

Se Symons estiver correto, a questão do que torna o homem inquieto levando ao divórcio pode ser reformulada: Quais circunstâncias no ambiente ancestral permitiriam a aquisição de uma segunda esposa? Resposta: possuir mais recursos, poder ou status social do que a pessoa média.

Mesmo em sociedades igualitárias primitivas, homens com maior posição social e poder tendem a ter mais esposas. Em sociedades menos igualitárias pré-industriais esse padrão é mais dramático, tem mostrado a antropóloga Laura Betzig. Na sociedade dos Incas, os quatro postos políticos mais elevados permitiam a posse de 7, 8, 15 e 30 mulheres. A poliginia atinge seus picos mais altos nos regimes despóticos. Entre os Zulu, onde tossir ou espirrar à mesa do rei era punido com morte, sua alteza podia monopolizar mais de 100 mulheres.

Para um psicólogo evolutivo esses números são apenas exemplos extremos de um fato simples: O propósito último da riqueza e do poder tão procurados pelos homens é a proliferação genética. É natural que a flexível mente humana seja desenhada para capitalizar em cima desse poder quando obtido.

Então é natural que um corporativista em ascensão, após uma grande promoção, se sinta atraído por outra mulher que não sua esposa. A testosterona - que expande o apetite sexual masculino - aumenta de nível em primatas não-humanos após algum triunfo social e parece fazer o mesmo com humanos. O mundo certamente está repleto de homens bem-sucedidos que trocam suas esposas por mulheres mais jovens, modelos mais férteis e aerodinâmicos.

O status social elevado de um homem pode dar aos seus filhos uma vantagem na vida, portanto é natural que as mulheres desejem mais esses homens. Entre os Ache, os melhores caçadores também tem mais relacionamentos e filhos extraconjugais. Em sociedades modernas a contracepção evita que a maioria desse desejo sexual se transforme em prole. Mas, no ano passado um estudo pelo antropólogo canadense Daniel Pérusse mostrou que homens solteiros de nível socioeconômico elevado tem um maior número de parceiros sexuais do que os de status mais baixo.

Pode-se pensar que a atratividade dos homens ricos e poderosos está diminuindo. Afinal, à medida que mais mulheres ingressam no mercado de trabalho elas podem se apegar a outros fatores além do poder econômico para a escolha de seus parceiros. No entanto, estamos falando da atração romântica profunda e não do cálculo consciente. Esses sentimentos foram moldados evolutivamente em outro ambiente. Psicólogos evolutivos tem mostrado que as mulheres tendem a valorizar o poder aquisitivo dos parceiros independente

de seu próprio poder aquisitivo.

O centro disso é que a disparidade econômica é o pior inimigo da monogamia. Homens abastados tendem a deixar suas esposas idosas e mulheres jovens se oferecem para ocupar seus lugares.

Objecções a esse tipo de análise são previsíveis: "Mas, as pessoas saem de relacionamentos por causa das emoções. Eles não somam sua prole utilizando uma calculadora". Verdade. Mas, as emoções são apenas os executivos da evolução. Por debaixo dos pensamentos e sentimentos e diferenças temperamentais, que os conselheiros matrimoniais passam o tempo analisando, estão as estratégias genéticas - equações frias e duras que utilizam variáveis simples: status social, idade da esposa, número de filhos, suas idades, oportunidades românticas etc. Será que sua mulher realmente está mais chata e sem graça do que era a 10 anos? Talvez sim, mas talvez a tolerância do marido tenha caído, já que a esposa agora está com 45 anos e com pouco futuro reprodutivo. E, a promoção que ele acabou de receber, que já causou os olhares provocativos de mulheres mais jovens, não ajudou muito.

Semelhantemente, podemos perguntar à esposa jovem e sem filhos, que acha seu marido intolerável e insensível, porque a insensibilidade não era tão opressora a um ano atrás, antes do marido perder o emprego e ela encontrar o simpático e afluente solteiro que parece estar lhe dando bola. Talvez os abusos do marido sejam reais. Nesse caso isso mostra o desafio e abandono em potencial.

Efeitos colaterais da morte da monogamia.

Não só a desigualdade social favorece o divórcio como o divórcio reforça a desigualdade social para os machos. Considere o apresentador de TV americano Johnny Carson (em quem o Jô Soares se baseou para fazer Jô onze e meia). Como muitos machos de elevado status, ele passou a maior parte de sua carreira dominando o período reprodutivo de uma série de mulheres. Em algum lugar existe um homem que queria uma mulher bonita para começar uma família e, não fosse pelo Carson, talvez tivesse conseguido. E de semelhante maneira, se esse homem conseguiu uma mulher, ela provavelmente foi surrupiada de outro homem, e assim por diante.

Isso pode parecer muito teórico, mas acontece. Existem apenas 25 anos de fertilidade por mulher. Quando alguns homens dominam mais de 25 anos, algum outro homem ficou sem essa mulher e terá que se contentar com menos. E, se além dos maridos em série, incluímos os homens que moram com uma mulher durante cinco anos e decidem não se casar com ela arranjando outra e repetindo o processo, o efeito não é trivial. Como alguns Darwinianos tem colocado, a monogamia serial equivale à poliginia. Assim como na poliginia, ela permite que homens poderosos agarrem mais recursos, deixando outros com menos ou nenhum - ou pelo menos sem mulheres em idade reprodutiva. Nesse sentido o aumento do divórcio não só provoca o

término do casamento de alguns homens como também evita o casamento de outros. Em 1960, quando o nível de divórcio estava em torno de 25% nos EUA, a proporção de homens e mulheres acima de 40 anos que nunca se casaram era mais ou menos igual. Em 1990, com o nível de divórcio a 50%, a proporção era 20% maior para os homens.

Outro tipo de efeito colateral da monogamia serial se torna claro pela lente da psicologia evolutiva: o preço pago pelas crianças. Martin Daly e Margo Wilson, da Universidade McMaster em Ontario, Canadá, tem escrito que uma das previsões Darwinianas mais óbvias é a de que "os padrastos tenderão a cuidados menos profundos das crianças do que os pais naturais". Afinal, o cuidado parental é um recurso precioso, então a seleção natural deveria "favorecer as psiques parentais que não desperdiçam isso em não aparentados" - que não carregam seus genes.

De fato, olhando os dados de assassinato de crianças em 1976, Daly e Wilson descobriram que uma criança americana morando com um ou mais pais substitutos tinha uma probabilidade 100 vezes maior de ser abusado ou morto do que uma criança vivendo com pais biológicos. Em uma cidade canadense nos anos 80, uma criança de dois anos ou menos tinha 70 vezes mais chance de ser morto por um genitor se vivesse com um pai biológico e um padrasto do que se vivesse com dois pais biológicos.

Existem maneiras de enganar a natureza, induzindo pais a amarem crianças que não forem seus filhos (traição). Afinal, as pessoas não podem telepaticamente perceber que a criança não carrega seus genes. Ao invés disso, utilizam indicadores que seriam eficientes no ambiente ancestral. Se uma mulher alimenta e acolhe um infante dia após dia, poderá vir a amá-lo, como também o fará o parceiro dessa mulher. Esse tipo de ligação é que torna as crianças adotivas "amáveis". Mas, quanto mais velha a criança quando primeiro vista, menos profunda será a ligação. A maioria das crianças que se deparam com um padrasto ou madrasta já passaram da infância.

Culturas poligínicas, como a dos mórmons no século 19, são rotineiramente consideradas sexistas. Mas, eles tem pelo menos uma virtude: não submetem crianças à indiferença e hostilidade dos padrastos. O que temos agora, a monogamia serial ou poliginia falsa, é pior do que a poliginia verdadeira. Ela massivamente desgasta o recurso evolutivo mais precioso: o amor.

Existe esperança?

Dado as consequências do divórcio - nas crianças, homens de baixa renda, mães e pais - seria bom que surgisse um programa de restauração da monogamia. Aliás, a importância desse plano só se compararia com sua dificuldade. Devoção monogâmica vitalícia simplesmente não é natural e o ambiente atual o torna ainda mais difícil. O que fazer?

Como Laura Betzig notou, a redistribuição de renda talvez ajudasse. Um argumento conservador padrão contra política anti-pobreza é seu custo: os

impostos incomodam os ricos que reduzem os incentivos ao trabalho e diminuem a produção do país. Mas, se um dos objetivos dessa política é de acentuar a monogamia, então a diminuição do poder dos ricos faria isso. A monogamia não está só ameaçada pela pobreza mas também pelo poder relativo dos ricos. Isso é que atrai as mulheres jovens para os homens casados ou descasados ricos. Isso também faz com que esses homens se sintam bons demais para uma só mulher.

No tocante às conseqüências econômicas, o custo de tirar dos ricos poderá ser superado pelos benefícios financeiros resultantes de casamentos mais estáveis, menos divórcios, menos crianças abusadas e menos solidão e depressão.

Existem outras alavancas para levantar a monogamia, como a lei do divórcio. A curto prazo, o divórcio traz ao homem comum um aumento marcante no padrão de vida, enquanto sua esposa e filhos sofrem o oposto. Talvez não se devesse confinar as pessoas a casamentos infelizes pelas conseqüências financeiras do divórcio, mas certamente também não se deveria recompensar os homens por abandonar suas esposas.

Um animal moral.

O problema do divórcio não se resume, de maneira nenhuma, à política pública. O progresso também dependerá das pessoas que utilizam o "insight" explosivo da psicologia evolutiva de forma moralmente responsável. O ideal seria que esse "insight" levasse as pessoas a exporem seus próprios sentimentos à crítica. De início é possível que homens e mulheres percebam que as flutuações na percepção de seus parceiros é essencialmente uma ilusão, criada com o propósito de proliferação genética (um absurdo!), e que essas ilusões não trazem nenhum mal. Então os homens saberão da inquietação desenhada pela seleção natural para encorajar a poliginia. Como isso leva ao divórcio, poderá levar a danos emocionais e até físicos nos seus filhos.

Então, homens e mulheres talvez tenham em mente que os impulsos promíscuos ou a insatisfação matrimonial nem sempre significam que a pessoa "casou mal". Isso poderá simplesmente significar que esses são membros da nossa espécie que se casaram com outros membros da nossa espécie. Também não devemos acreditar, como diz o psiquiatra evolutivo Randolph L. Nesse, que tais impulsos são sinal de psicopatologia. Ao contrário, esses são impulsos esperados que devem ser inibidos pelo bem do casamento.

O perigo é das pessoas tomarem o rumo contrário e reagirem a esse novo conhecimento se entregando ao impulsos "naturais", como se estivesse nos nossos genes, fora de nosso controle. Poderão até, convenientemente, assumir que o que é natural é bom.

Essa idéia era muito comum no início desse século. A seleção natural era considerada uma divindade benigna, que constantemente aprimora a espécie. Mas os psicólogos evolutivos se apoiam numa visão um tanto diferente, reconhecendo que a seleção natural não funciona visando o bem estar social em geral, que muito da natureza humana se resume a auto-interesse genético

extremo e que as pessoa naturalmente ignoram esse auto-interesse.

George Williams, cujo livro: Adaptações e seleção natural, de 1966, ajudou a rejeitar a idéia popular de que evolução funciona "para o bem do grupo" e até chamou a seleção natural de "má", a "inimiga". A vida moral, desse ponto de vista, consiste largamente em batalhar a natureza humana.

Darwin acreditava que a espécie humana era uma espécie moral - de fato, a única espécie moral. "Uma espécie moral é aquela capaz de comparar suas ações ou motivos passados e futuros, aprovando ou desaprovando-os".

Nesse sentido, sim, somos morais. Pelo menos temos a capacidade técnica de conduzir uma vida examinada: auto-consciência, memória, antevisão e julgamento. Além disso, nos sujeitarmos à avaliação moral e ajustar o comportamento de acordo não é um simples reflexo. Somos potencialmente animais morais - o que é mais do que qualquer outro animal pode dizer sobre si - mas não somos animais naturalmente morais. O primeiro passo para se tornar moral é admitir o quanto não o somos.